INFLUÊNCIA DO PORTUGUÊS SOBRE O SEGMENTO /S/ DO ESPANHOL EM ZONAS FRONTERIÇAS [1]

Luciana Rodrigues Alves Ribeiro [2]

Jorge Walter Rocha Espiga [3]

[1] Trabalho apresentado no II Encuentro de profesores de Español del Rio Grande do Sul, promovido pelo CORPE (Conselho de Professores de Espanhol Riograndense), dia 28 de julho de 2007, Porto Alegre -RS. Também apresentado no V SENALE (Seminário Nacional Sobre Linguagem e Ensino), de 09 a 10 de outubro de 2007, Pelotas – RS.

[2] Estudante do curso de Letras Português/ Espanhol da Universidade Federal do Rio Grande e do curso de Letras Português/ Espanhol e respectivas literaturas da Universidade Federal de Pelotas. Integrante do grupo de pesquisa da FURG: Línguas em contato: português-espanhol.

[3] Professor e pesquisador, nas áreas de Língua Espanhola, Sociolingüística e Línguas em Contato. Atua na UCPEL e no CEFET/RS.

INFLUÊNCIA DO PORTUGUÊS SOBRE O SEGMENTO /S/ DO ESPANHOL EM ZONAS FRONTERIÇAS

RESUMO

Este trabalho, com uma aproximação metodológica qualitativa, propõe-se a estudar a possível influência do português sobre o espanhol na realização do segmento /s/ em zonas de contato entre as duas línguas. Tem como base gravações feitas em comunidades fronteiriças onde ocorre tal contato: as cidades uruguaias de Rivera e Chuy, geminadas às cidades brasileiras de Sant´Ana do Livramento e Chuí, respectivamente. Ao selecionar os informantes, foram levados em conta os seguintes critérios: idade, escolaridade, níveis de contato com o português e local de nascimento. O trabalho parte da suposição de que nestas zonas de fronteira o escopo de variação do segmento /s/, em espanhol, apresenta alofones cuja ocorrência provém do português (autóctone ou brasileiro) e do espanhol rio-platense, variedades com as quais os dialetos locais mantêm contato.

Palavras-chave: línguas em contato; dialetologia; variação fonético-fonológica; sociolingüistica.

INTRODUÇÂO

O objeto deste estudo é a variação do segmento /s/ no espanhol das cidades uruguaias de Rivera e Chuy, na fronteira com o Brasil.

Parte-se de que, conforme Elizaincín (1992), a variabilidade de uma zona de contato lingüístico, como é o caso da fronteira Brasil-Uruguai, abrange todas as alternativas ou tradições lingüísticas das línguas que protagonizam o contato, o que leva a formular a hipótese de que formas como o [z] do português brasileiro e o [h] do espanhol do Prata, entre outras variantes, estejam presentes nos dialetos fronteiriços pesquisados.

Este estudo terá uma abordagem inicial qualitativa, que posteriormente será aprofundada com respaldos quantitativos. Neste primeiro momento, duas questões foram levadas em conta: a contextualização sócio-histórica e geográfica e a variação especificamente fonética do espanhol fronteiriço.

A origem do contato entre o português e o espanhol, na zona de fronteira entre Brasil e Uruguai, é conseqüência da disputa dos reinos espanhol e português pelas terras do Novo Mundo desde o século XVI. Nessa época, não existia um controle efetivo do trânsito de pessoas ou coisas, isso só ocorrerá após a independência do Uruguai. Então começaram as demarcações que definiram que território pertenceria a cada país (Elizaincín,1993).

Em 1855, quando os trabalhos de demarcação alcançaram a região onde hoje estão as cidades de Sant'Ana do Livramento (Brasil) e Rivera (Uruguai), no local, só existia um povoado brasileiro que se estendia pelo dois flancos da coxilha que caracteriza a região. Livramento foi considerada vila em fevereiro de 1857 e em julho de 1860 os uruguaios começaram a construir um povoado em frente à recém criada vila de Livramento. No princípio a vila uruguaia recebeu o nome de Ceballos, que posteriormente foi trocado por Rivera.

Após muitas disputas entre os dois reinos, através do tratado de Santo Idelfonso em 1777, a região onde atualmente estão as cidades de Chuí (Brasil) e Chuy (Uruguai) ficaram em uma zona chamada de "Campos Neutras", assim denominada

porque não pertenceria a nenhum dos dois reinos. No local apenas existiam postos de guarda para impedir o contrabando, os quais, mais tarde, iriam dar origem aos dois povoados. Apesar do povoamento ter começado no final do século XIX, o povoado do lado uruguaio foi elevado à vila somente em 1961, enquanto, do lado brasileiro, o fora em 1874.

Desde as suas origens, o contato cultural e lingüístico entre ambos os domínios fronteiriços foi intenso, assim como o foi, de um modo geral, ao longo de vários pontos da fronteira que Portugal e Espanha procuraram estabelecer no Novo Mundo. Por isso, a pesquisa lingüística do espanhol americano, especialmente no Rio da Prata, presta especial atenção ao português, bem como a outras línguas, como o guarani, com as quais, eventualmente, veio ter contato.

Nesse âmbito de contato lingüístico, o fenômeno da interferência ocupa lugar de relevância. A interferência consiste, *latu sensu*, na influência de uma língua sobre a outra quando as mesmas estão em contato e quando ela altera a produção que seria previsível de acordo com a sua gramática. Segundo Weinreich (1963, *apud* Semino 2007), a interferência pode ocorrer em vários níveis, mas o que será focalizado neste estudo será apenas o fonético.

Ao levar-se em conta que o português e o espanhol estão em contato, nas cidades de Rivera e Chuy, temos aí uma situação favorável à interferência fônica.

O contato dos riverenses com o português dá-se, simultaneamente, com o substrato português uruguaio, historicamente arraigado no norte e nordeste desse país, e com o português do Brasil. O contato com o português uruguaio (ou DPU - Dialetos Portugueses do Uruguai -) ocorre no âmbito familiar, enquanto o contato com o brasileiro se dá, principalmente, por meio do comércio, da televisão, e do rádio. O comércio do lado brasileiro é mais intenso e absorve, inclusive, trabalhadores do lado uruguaio.

Já os chuienses têm contato somente com o português do Brasil, uma vez que não existe substrato português, do lado uruguaio, nessa região de fronteira. Assim como em Rivera, o contato com o português brasileiro também ocorrre em função do comércio e da mobilidade social dos falantes, sendo que a televisão também se coloca, no Chuy, como veículo importante do português.

REFERENCIAL TEÓRICO

Além da fundamentação teórica da metodologia empregada nesta pesquisa, no que se refere à Sociolingüística e, especificamente, à Teoria da Variação (Labov, 1972), foi preciso delimitar o referencial teórico que diz respeito à caracterização do segmento /s/ para o espanhol do Prata e para o português do Brasil.

No tocante ao espanhol do Prata, encontramos em Quilis (1981) e em Herrero (2004) os alofones de /s/ dessa variedade:

- [s] (realização plena, fricativa lingualveolar surda) em posição prevocálica, isto é, em ataque silábico ou, na ressilabação, em ataque proveniente de coda diante de vogal. Exemplo: saber [sa'βeɾ] mesas altas [mesa'saltas]
- [h] (realização aspirada, fricativa faríngea ou laríngea surda) em coda preconsonantal medial ou final ou, ainda, em final absoluto. Exemplo: esto ['ehto]
- [x] (realização velarizada, fricativa velar surda) em coda preconsonantal seguida de segmento velar [k] ou [g]. Exemplo:mosca ['moxka]
- [∅] elisão ou perda.

A realização aspirada [h] ocorre em quase todos os contextos de uso de /s/, exceto quando em posição prevocálica. Já a variante [∅] é favorecida quando /s/ é seguido de pausa.

Alguns autores sustentam que a aspiração de /s/ já está generalizada na Argentina e no Uruguai e que as outras realizações possíveis do segmento em coda, como preconsonantal ou antes de pausa, seriam a velarização [x] e a elisão, descartando sua realização plena [s] nesses contextos. A aspiração, a velarização e a elisão de /s/ ocorreriam devido ao fato de encontrar-se esse segmento em sílaba travada, o que a língua, naturalmente, tende a rejeitar.

A busca pelo padrão de sílabas abertas, assim como ocorre no português quando o usuário cria epênteses para resolver casos analogamente marcados, motivaria essas variantes de /s/. Pode-se dizer, então, que, do ponto de vista articulatório, o segmento /s/ sofre enfraquecimento para adequar-se a uma tendência da língua de buscar um padrão universal.

No espanhol rio-platense, a realização plena de /s/, quando em sílaba travada, apareceria apenas na fala cuidadosa ou artificial. O segmento /s/ apenas seria mantido com sua realização plena no final de palavras pelas classes mais altas e seria elidido pelas classes mais baixas.

Segundo Vasquez (1953), a realização plena de /s/ implosiva é estranha ao inventário fônico do Uruguai, apenas sendo encontrado como “estilema”, isto é, um marcador de estilo que revela que o falante não é uruguaio (ou provém de regiões fronteiriças, em contato com o português).

No que diz respeito ao português, referimos Callou e Leite (1994), onde são descritos os alofones [s] e [z] como duas variantes do segmento /s/:

- [s] (realização plena, fricativa linguoalveolar surda) em posição preconsonantal, ou seja, em coda interna ou final. Exemplo: basta [‘basta].
- [z] (realização sonorizada, fricativa linguoalveolar sonora) em posição prevocálica, ou seja, em ataque ou, na ressilabação, em coda antes de vogal. Exemplo desde [‘dezde] ruas escuras [ɾuazes’kuɾas]

A elisão também ocorre em português, especialmente motivada por razões morfossintáticas, como não-redundância da marcação de plural, em alguma posição de um sintagma nominal.

É preciso observar, ainda, que algumas variedades do português brasileiro, como o carioca, apresentam para o /s/ em coda uma variante palatal surda[ʃ], conforme refere López (1979), alofone que não se encontra no Rio Grande do Sul e que, por essa razão, não constitui uma alternativa disponível no cenário de variação do contínuo lingüístico fronteiriço entre o Brasil e o Uruguai[1].

Segundo Hensey (1972), no espanhol da fronteira do norte do Uruguai, o segmento /s/ tem realização plena em quase todos os contextos fonológicos, assim como é realizado no português do Rio Grande do Sul.

Em seus estudos, Ana Maria Carvalho afirma que há 30 anos a variante aspirante de /s/ foi introduzida na cidade de Rivera, a partir de Montevidéu, tanto por parte das classes mais altas quanto pelas políticas de educação uruguaias da época. Além disso, a realização plena de /s/ implosiva teria sofrido estigmatização, o que favoreceu uma maior difusão da variante aspirada. Entretanto, a autora observa que, mesmo assim, a realização plena de /s/ continua sendo dominante no espanhol riverense, em quase todos os grupos sociais.

---

[1] A palatalização do /s/ em coda é originária do português dos Açores, de onde foi trazida para o Brasil pelos colonizadores portugueses. Sendo que um contingente considerável de açorianos participou do processo de ocupação e colonização da Banda Oriental, como extensão do território sul-rio-grandense, nos séculos XVII e XVIII, supõe-se que o português primitivamente instalado no norte e nordeste do Uruguai tenha tido essa variante no seu inventário fonético, a qual, provavelmente pelo contato com outras variedades de português, com o guarani e com o espanhol, não sobreviveu no substrato português uruguaio.

METODOLOGIA

O método de trabalho consistiu em entrevista de fala livre feitas a 24 informantes, em cada cidade, pertencentes a grupos pré-estabelecidos. As entrevistas foram feitas nos dias 11,12 e 13 de julho de 2007, no perímetro central das cidades, e têm duração de 10 a 20 minutos.

Foram seguidos os critérios metodológicos labovianos, aplicados a partir de Fernando Tarallo (1987), no referente à estruturação das amostras em células representativas dos fatores extralingüísticos ou sociais controlados pela pesquisa, considerando que os mesmos estão intimamente ligados aos fatores lingüísticos e, tanto uns como outros são responsáveis, conjuntamente, pela variação e pelas mudanças da língua.

Assim sendo, o número de 24 informantes por comunidade representa 2 informantes por cada uma das 12 células resultantes da combinatória do número de fatores de cada variável social controlada pela pesquisa, a saber:

- faixa etária: jovens (16 a 29 anos), meia idade (30 a 44 anos) e mais velhos (45 a 60 anos);
- escolaridade: baixa (até primeiro grau) e alta (a partir do segundo grau);
- nível de contato com o português: baixo (monolíngüe) e alto (bilíngüe E-P).

Utilizou-se, no trabalho de campo, um gravador portátil e fitas cassete. Foram observadas, ainda, as orientações metodológicas de Lakatos (2006), no referente à execução de trabalhos de pesquisa baseados em entrevistas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Tabela I - Alofones de /s/ no espanhol de Rivera

Grupo por idade	Monolin/ Baixa	Monoling/ Alta	Bilin/Baixa	Biling/Alta
G1-16 até29 anos	[s] [z] [h]	[s] [h]	[s] [h] [z] [∅]	[s] [h]
G2-30 até 44 anos	[s] [h]	[s] [h]	[s] [h] [z]	[s] [z]
G3-45 até 60 anos	[s] [z] [h] [∅]	[s] [h]	[s] [z] [∅]	[s]

No espanhol riverense, encontramos a sonorização do segmento – variante [z]. Porém, este uso não tem regras fixas. A realização sonorizada [z] é um alofone de /s/ e não permite diferenciar significados como no português.

A Tabela I mostra que a realização plena [s] em coda antes de consoante foi encontrada em todos os grupos sociais.

A variante sonora [z] foi encontrada nos grupos G2BB, G2BA, G3BB, G1BB, G3MB e G1MA. A maior presença de [z] entre os bilíngües está de acordo com o previsível, uma vez que o contato com o português é maior nessas circunstâncias. Já a ausência quase total de [z] nos grupos mais escolarizados (exceto G2BA) indica que essa variante do PB não é prestigiada no espanhol riverense.

Entre os monolíngües, grupo que se supõe menos suscetível ao contato com o português, a variante [z] foi encontrada no espanhol dos jovens e dos mais velhos. Pode-se hipotetizar que a interferência entre os jovens deve-se à maior presença do português padrão em Rivera, nos últimos anos, e que a interferência entre os mais

velhos pode estar vinculada à menor necessidade que sentem de observar, no seu vernáculo, os ditames de prestígio determinados pelas políticas oficiais.

A variante [h], na amostra de Rivera, tende a aparecer de forma menos generalizada do que na variante rio-platense. Esse alofone apareceu mais no grupo de escolaridade alta. Os riverenses bilíngües são os que apresentam menor presença de [h]. Nesse grupo, a variante [s] predomina.

Apesar de ser pouca, a elisão aparece no espanhol riverense dos grupos G1 e G3 de escolaridade baixa.

A variante velarizada [x] não foi encontrada na amostra de Rivera.

Tabela II – Alofones de /s/ no espanhol do Chuy

Grupo por idade	**Monolin/ Baixa**	**Monoling/ Alta**	**Bilin/Baixa**	**Biling/Alta**
G1-16 até29 anos	[h]	[h]	[h] [s]	[h] [s]
G2-30 até 44 anos	[h]	[h]	[h]	[h]
G3-45 até 60 anos	[h]	[h]	[h]	[h]

Ao contrário de Rivera, não encontramos no espanhol do Chuy a sonorização do segmento. A Tabela II mostra que a realização plena [s] somente foi encontrada nos bilíngües jovens. Contudo, a variante predominante, inclusive nesses grupos, é o alofone aspirado [h].

A Tabela II mostra que a ausência da variantes [z] em coda, do português, e a baixa freqüência de [s] têm, como contrapartida, a articulação aspirada [h] em todos os grupos sociais.

CONCLUSÕES

No espanhol de Rivera, é notória a influência do português através da presença generalizada do alofone [s], em todos os grupos sociais, como realização plena de /s/, que se mantém em coda, mesmo constituindo sílaba travada.

A presença de [s] no grupo monolíngüe de alta escolaridade reveste-se de especial importância, uma vez que este grupo exerce influência significativa, em termos de prestígio lingüístico, na comunidade. Assim também é importante o papel desse grupo na introdução da variante [h], proveniente do espanhol de Montevidéu, conforme já assinalamos.

Outro resultado importante para o espanhol de Rivera é a ausência de [z] entre os monolíngües de idade intermediária (grupo G2), uma vez que se trata de um grupo que contribui de maneira significativa no prestígio de variantes de um dialeto. A faixa etária intermediária representa, em geral, a população economicamente ativa da comunidade e o seu comportamento lingüístico vê-se fortemente regulado pelas pressões normalizadoras da língua; no caso dos monolíngües de espanhol, as

pressões normalizadoras provêm da variedade padrão do espanhol do Uruguai, ou seja, do espanhol do Prata.

De outra parte, a presença significativa de [z], aliada à preferência por [s] em detrimento de [h] em coda, denotam, no espanhol riverense, a forte pressão do pólo português no contínuo lingüístico português-espanhol, nesta região de fronteira. É importante considerar, ainda, que, nessa região, a influência que o português exerce sobre o espanhol provém, não apenas do contato atual com o português brasileiro, mas também do contato com o substrato português uruguaio, o qual, como já foi dito, em muitos casos ainda se preserva como primeira língua, desde a época colonial.

A velarização de /s/ é encontrada em estágios avançados da aspiração. Porém, como esta ainda é incipiente em Rivera, não aparece como alofone do segmento, nesse dialeto.

No espanhol do Chuy, a pressão do pólo português na realização do segmento /s/ não se verifica: não há ocorrências de [z], ao passo que se verifica pouca presença de [s] em coda – em oposição à variante [h] do espanhol de Montevidéu. A demarcação de fronteira política, nesta região, coincide, de forma bastante marcante, com a fronteira lingüística entre ambas as línguas.

A presença de [s] entre os chuienses bilíngües jovens é atribuível ao maior contato que estes mantêm com o português, em comparação com os monolíngües. Embora escassa, tal ocorrência sugere que a presença do português pode estar aumentando, sincronicamente, o que, se confirmado em recortes sincrônicos futuros, poderá impactar o cenário de variação atualmente existente, no qual o espanhol, por ora, apresenta-se bastante hegemônico.

REFERÊNCIAS

ANDIÓN HERRERO, Maria A. *Variedades del español: una lengua y diecinueve países.* Madrid: Espasa, 2004.

BRÂNZÃ, Mircea-Doru y SUAU Joan Llinás. *Nociones de fonética y fonología del español.* University of Bucharest, 2003

CALLOU, Dinah e LEITE, Yvonne*. Iniciação à fonética e à fonologia*. 9 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

CARVALHO, Ana Maria.*Spanish (s) aspirantion as a prestige marker on the uruguayan-brazilian border*. Spanish in context, 2006

ELIZAINCÍN, A. *Dialectos en* contacto. *Español y portugués en España y América.* Montevideo: Arca, 1992.

ELIZINCÍN, A. *Las fronteras del español con el portugués en América.* Valladolid: II Congreso Internacional de la Lengua Española, 2001.

HENSEY, F. G. (1982b). *Uruguayan 'fronterizo': A Linguistic Sampler*. *Word: Journal of the International Linguistic Association*, *33(1-2)*, 193-198.

LABOV, W. *Sociolinguistics patterns.* Philadelphia: Pennsylvania University Press, 1972.

LAKATOS, Eva Maria e MARCONI, Marina. *Técnicas de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2006

LIPSKI, John, M. *El español de América* .Madrid: Cátedra, 2006.

LOPEZ, B. *The sound pattern of Brazilian Portuguese (cariocan dialect).* Los Angeles: UCLA, 1979. (Tese de pós-doutorado)

QUILIS, A. y FERNANDEZ, J. A.*Curso de fonetica y fonologia españolas para estudiantes angloamericanos*. Madrid: 1981.

QUILIS, A. *Principios de fonología y fonética españolas*. Madrid: Arco Libros, 2000

RAMIRES, Maria V. de. *El español de América. Pronunciación*. Madrid: Arco Libros, 2003.

SEMINO, Maria Josefina Israel. *Español y Portugués. Desenredando las lenguas.* Rio Grande: Ed. da FURG, 2007

TARALLO, Fernando. *A pesquisa socio-lingüística*. São Paulo: Ática, 1987.

VÁSQUEZ, Washington. *El fonema /s/ en el español del Uruguay*. Montevideo: Revista de la Facultad de Humanidades y Ciencias, 10:84-93, 1953.